



# A INFÂNCIA NO TEMPO DA CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL BRASILEIRA: REPRESENTAÇÕES NAS PÁGINAS DA REVISTA BRASÍLIA (1957-1960)

## CHILDHOOD AT THE TIME OF CONSTRUCTION OF THE NEW BRAZILIAN CAPITAL: REPRESENTATIONS ON THE PAGES OF BRASÍLIA MAGAZINE (1957-1960)

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19312>

Gleuze Pereira Marinho Moura

Universidade de Brasília

 <https://orcid.org/0009-0007-1715-5219>  
glemarinho@yahoo.com.br

Juarez José Tuchinski dos Anjos

Universidade de Brasília

 <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>  
juarezdosanjos@yahoo.com.br

Recebido em 24 de agosto de 2023.

Aceito em 01 de novembro de 2023.

**RESUMO:** Tomando por fonte a Revista Brasília, o artigo objetiva responder a três questões, formuladas no diálogo com a ainda incipiente historiografia da infância no Distrito Federal, relativa aos anos da construção de Brasília, isto é, de 1957 a 1960: será que não havia uma quantidade significativa de crianças naquele gigantesco canteiro de obras a céu aberto? Se havia, elas compareceram, de algum modo, nos textos e imagens dados a ler no Brasil e no exterior no periódico da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital)? Que infância ou infâncias foram representadas na Revista Brasília?

**ABSTRACT:** Taking the Brasília Magazine as a source, the article aims to answer three questions, formulated in the dialogue with the still incipient historiography of childhood in the Federal District, related to the years of construction of Brasília, that is, from 1957 to 1960: was there not a significant number of children on that gigantic open-air construction site? If so, did they appear, in some way, in the texts and images given to be read in Brazil and abroad in the NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) journal? Which childhood or childhoods were represented in Brasília Magazine?

**Palabras-clave:** História da Infância; Brasília; Revista Brasília; século XX.

**Keywords:** History of Childhood; Brasilia; Brasilia Magazine; 20th century.

## Introdução<sup>1</sup>

Em 1º de janeiro de 1957 começou a circular, com distribuição nacional e internacional, a Revista *Brasília*, órgão da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), com o objetivo de fazer propaganda do andamento das obras de construção de Brasília. Conforme editorial do seu primeiro número:

Esta publicação aparece em consequência do art. 19 da Lei n. 2874 de 19 de setembro de 1956, que estatui para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP) a obrigatoriedade de divulgar mensalmente os atos administrativos da Diretoria e os contratos por ela celebrados. À administração da Companhia, ao providenciar o cumprimento daquele dispositivo, pareceu de conveniência aditar ao Boletim, a que a lei se refere, algumas páginas iniciais, com a forma usual e comum de revista, estampando-se nestas um noticiário, principalmente fotográfico, sobre a marcha da construção da Nova Capital e as informações de interesse, relativas ao mesmo empreendimento – de modo a manter o público sempre a par do que se está realizando e do que se pretende fazer. (EDITORIAL, 1957, p.1)

Entre 1957 e 1960, ano da inauguração da nova capital<sup>2</sup>, a revista divulgou, em texto e fotografias, notícias sobre os principais acontecimentos relativos “à marcha da construção” da cidade, sendo, por essa razão, um importante testemunho desse processo histórico. Nas últimas décadas, chamou a atenção de pesquisadores de diversas áreas, interessados em analisar alguns textos sobre arquitetura e urbanismo que tiveram importância no debate em torno da construção de Brasília (CAPELLO, 2010); a mitificação de Brasília como “Capital da Esperança” (MEDEIROS, 2012); as fotografias do sertão e da modernidade registradas no impresso (ANDRADE, 2020); as imagens da branquitude veiculadas no periódico (LOPES, 2021), dentre outros.

Um aspecto, porém, que ainda não foi explorado pela historiografia é o das representações de infância na época da construção da capital nas páginas da revista *Brasília*. Cléria Botelho da Costa, num dos poucos estudos empreendidos sobre a história da infância na capital federal, escreveu que

1 Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa de mestrado que tem por objeto de estudo as representações de infância e escolarização nas páginas da Revista *Brasília*.

2 A circulação do periódico, porém, foi, com algumas interrupções, até 1967, acompanhando, assim, o processo de consolidação da nova capital.

Pela intensa imigração, no espaço da futura cidade, emergem acampamentos de madeira, desprovidos de conforto, como o do Rabelo, Pacheco, dentre outros que abrigavam o magote de migrantes que para cá se dirigia. *A família ficava para trás*. Diante disso, a presença de *mulheres e crianças era sacrificada* pela corrida frenética das edificações que, em um momento incessante de urbanização, ia devorando todo espaço, transformando em urbana a sociedade e *a presença da criança se tornara um excedente incômodo*. (...) *Desse modo, na cidade era rara a presença, a alegria do burburinho infantil*. (COSTA, 2015, p. 35-36, grifos nossos).

Diante dessas afirmações, será que realmente não havia uma quantidade significativa de crianças naquele gigantesco canteiro de obras a céu aberto? Se havia, elas compareceram, de algum modo, nos textos e imagens dados a ler no Brasil e no exterior no periódico da NOVACAP? Que infância ou infâncias foram representadas na Revista *Brasília*? Responder a estas questões é o nosso objetivo neste artigo.

Em termos teóricos, três conceitos são fundamentais no desenvolvimento deste estudo: *infância, criança e representação*. Por *infância*, nos referimos aqui ao tempo social que a criança vive, uma “determinada classe de idade, remetendo ao conceito de geração” (GOUVÊA, 2008, p. 97), período que a separa, por exemplo, da juventude e da adultez. Já a *criança* é o sujeito concreto, menino ou menina, que vive esse tempo social e geracional da infância. Por fim, as *representações* são entendidas neste estudo como aqueles “esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p. 17), isto é, formas de ver e conceber o mundo social.

Em termos metodológicos, procedemos à leitura de todos os números da Revista *Brasília* publicados entre janeiro de 1957 e abril de 1960, selecionando textos e imagens nos quais a infância e a criança eram representadas. Consultamos as versões digitalizadas disponíveis na Biblioteca Virtual do Senado Federal. Neste processo, ao tomarmos a Revista *Brasília* como um veículo de imprensa (ainda que oficial), procuramos levar em conta as ponderações de Carlos Eduardo Vieira, quando observa que

...a imprensa permite uma ampla visão da experiência cidadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às esferas cultural e educacional. Nela encontramos projetos políticos, visões de mundo e vislumbramos, em ampla medida, a complexidade dos conflitos e das experiências sociais (VIEIRA, 2019, p. 47).

Já ao interrogarmos as imagens, registros fotográficos que ilustravam as páginas do periódico em questão, tivemos presente que a fotografia

... pode ser tomada como uma forma de representação de mundo, produzida em uma época (é sempre um testemunho do passado), transpassada de valores, expectativas e imaginários, que, em conjunto, fornecem o significado amplo da realidade que ela quer representar. Assim, na pesquisa historiográfica, a realidade representada em uma imagem fotográfica bem como os sentidos e significados que dela decorrem, só são compreendidos quanto tomados como resultado da ação dos sujeitos que a constroem, propõem e a interpretam. (ANJOS, 2015, p. 270-271).

Ainda no plano metodológico, após a leitura e individualização das notas e fotografias que representavam a infância e as crianças no contexto da construção de Brasília, selecionamos, para análise neste artigo, três aspectos em particular: os primeiros gêmeos nascidos em Brasília, o primeiro recenseamento realizado na futura capital e algumas cenas do cotidiano da infância. Ao final, tecemos algumas considerações, a título de conclusão.

## Os primeiros gêmeos nascidos em Brasília

O primeiro indicativo sobre a presença da infância na Revista *Brasília* está exposto na edição de No. 02 de fevereiro de 1957. Trata-se de uma imagem e descrição textual que conta o nascimento dos primeiros gêmeos na área de Brasília, em que o relato assim descreve:

A foto ao lado mostra os primeiros gêmeos nascidos na área de Brasília em registrados no cartório do registro civil de Anápolis em 23 de dezembro e, logo após, batizados na matriz de Sant'Ana daquela mesma cidade do norte goiano. O nascimento dos gêmeos teve lugar na fazenda "do Torto" (junto ao Ribeirão Torto) onde residem seus pais data posterior à lei de transferência da Capital da República. Trata-se dos meninos Roberto e Ricardo, vindos ao mundo a 14 de dezembro de 1956, filhos do casal José Luiz de Alcântara – Maria Ana de Alcântara. Foram registrados no cartório do registro civil de Anápolis em 23 de dezembro e, logo após, batizados na matriz de Sant'Ana daquela mesma cidade do norte goiano. O nascimento dos gêmeos teve lugar na fazenda "do Torto" (junto ao *Ribeirão Torto*) onde residem seus pais (NOTAS, 1957, p.02)

Segue, abaixo, a imagem mencionada na nota: (Figura 1)

Figura 1 – Notas “Os primeiros gêmeos nascidos na área de Brasília”



Fonte: Revista *Brasília* - N.02, fevereiro1957, p.02.

Ao analisar texto e imagem, referentes à vinda ao mundo dos primeiros gêmeos do que seria a nova capital, Roberto e Ricardo, o escrito assinala que as crianças nasceram na área de Brasília e foram registradas e batizadas na cidade de Anápolis, localidade a aproximadamente 154 km de distância. Isso nos sugere que o deslocamento possa ter ocorrido de maneira pouco confortável, haja vista à época o Brasil estar a construir vias de ligação entre as cidades e até mesmo a condição da condução utilizada neste percurso, que poderia configurar-se, talvez, como carente de conforto para mãe e crianças. Sabe-se, que, naquele tempo, o caminhão e o jipe eram os veículos mais utilizados no canteiro de obras que era Brasília.

Diante dessas possibilidades históricas (DAVIS, 1987), convém destacar que no livro de memórias *Por que Construí Brasília*, Juscelino Kubitschek (2000) revela a quantas estavam as condições da região, um ano mais tarde, em 1958 (o que nos permite imaginar serem mais complicadas quando do nascimento dos meninos):

No início de 1958, o Planalto era, na realidade, a mais movimentada frente de trabalho do Brasil. Todas as providências, necessárias para a criação de uma grande cidade, já haviam sido tomadas e estavam em execução acelerada. Existiam as obras da cidade propriamente dita e as correlatas, isto é, as que se impunham para ligar a nova capital a todos os quadrantes do território nacional. No que dizia respeito a essas ligações, construíam-se, através de turnos, de forma que o trabalho nunca se interrompesse, duas rodovias-chaves: a Brasília-Anápolis e a Brasília-Belo Horizonte. Brasília, ligada a essas duas cidades, conseqüentemente estaria articulada, através de rodovias de primeira classe, com os principais centros do país. Assim, a Brasília-Anápolis era uma obra prioritária, em todos os sentidos. (KUBITSCHECK, 2000, p.106)

O que o texto de Kubitscheck (2000) indica, embora não explicitamente pronunciado na nota sobre o nascimento das crianças em 1957, são as fragilidades ou precariedades envoltas no idealismo de progresso e desenvolvimento que presidia a construção de Brasília, pois muitas obras ainda estariam em curso. Nesse contexto, mulheres davam à luz e crianças nasciam em condições de escassa adequação de conforto.

Nada disso, porém, é transmitido ao leitor da Revista *Brasília*; antes, ela adota um tom de leveza e amenidade. Situação semelhante ocorre com a fotografia da mãe com os dois bebês em seus braços. Ao problematizar algumas informações presentes na fonte textual, houve a explicitação de possíveis elementos que os dados escritos fornecidos por si só não dispunham. Nesse sentido algo semelhante ocorre com a imagem, que é também fonte de investigação desta pesquisa. A imagem 01 mostra uma mulher jovem com cabelos arrumados, talvez para a ocasião da fotografia, dois bebês gêmeos, que dão norte a parte do enredo da nota, nos braços desta mulher.

Certamente, dada a qualidade e tipo dos equipamentos de imagens disponíveis na época, ano de 1957, a mãe junto com os recém nascidos foi orientada a se preparar para o acontecimento, porém as vias como a fotografia e o texto foram entregues ao leitor, passam ao consumidor do periódico a representação de plena naturalidade no encadear dos acontecimentos, de modo a convencer quem folheasse a revista que a constituição da cidade de Brasília configurava-se de forma orgânica, natural e funcional a todos os grupos.

Frente a esses dados implícitos na nota de notícia, bem como na imagem de número 02, é importante destacar a ausência de apontamentos, nesta edição, dentro de um rol que priorize as necessidades das mulheres e das crianças no enredo da revista, haja vista a ênfase dada a promoção convencedora, por parte da edição, do quão essencial era erguer a monumental cidade.

Ainda sobre a imagem 01, que apresenta a mãe segurando dois meninos, conforme cita o texto, nota-se que a figura paterna não é representada na imagem, embora à época, anos 50 do século XX, seja sabida a importância dada a uma constituição e apresentação familiar aos moldes tradicionais, onde a composição de família ativa e dentro dos parâmetros sociais, culturais e religiosos se compunha por homem, mulher e filhos.

Berquó (2007, p.414) adverte que, “a família é, acima de tudo, a instituição a que é atribuída a responsabilidade por tentar superar os problemas da passagem do tempo tanto para o indivíduo como para a população.”. Dada essa prerrogativa, somada a intencionalidade do editorial da revista em passar a imagem de que a nova capital está apta a mudança, pode haver nesta, também, a intenção de apresentar um “desenvolvimentismo” naquilo que se refere a equidade nas relações familiares e/ou aspectos de gênero (na figura da mãe) e geracional (na figura dos gêmeos) dentro do ambiente familiar ao não trazer na fotografia a figura paterna, que embora citada e nomeada no escrito não comparece na imagem, ocorrência que para a época poderia evidenciar “avanço” junto àquele tempo histórico, que propunha uma representação e constituição doméstica em que o homem se apresentava como elemento basilar e socialmente percebido com maior protagonismo que a mulher e os filhos.

Embora não seja possível dizer o contexto que a imagem foi cunhada é importante notar que ao ser divulgada no periódico, de algum modo veicula a ideia e possibilidade de olhar para além do dito e é convidativa a reflexão daquilo que pode estar implícito, que no caso da infância a posiciona, juntamente com a mulher (a mãe), num arranjo de destaque, na nota jornalística, em relação ao homem (o pai).

Outro aspecto que merece ser destacado é que independente das condições socialmente oferecidas, a precária infraestrutura local, dada a cidade de Brasília estar dando os seus primeiros passos, no processo de sua construção, a infância existiu. E destacá-la era uma das estratégias utilizadas pelo periódico para divulgar que Brasília, planejada, era também humana e já acolhia em seu território os seus primeiros brasilienses natos.

## Crianças: quantas são e onde estão

Dentro da considerável gama de textos e fotos fichadas da Revista Brasília, naquilo que diz respeito à infância ao longo da construção da nova sede federal, consta também a informação do primeiro recenseamento da cidade, cuja edição de N.06 de Junho de 1957, p.18 assim o detalha:

Em março último, por iniciativa do Diretor Administrativo Sr. Ernesto Silva, fez-se o primeiro recenseamento geral de Brasília. O resultado apurado foi de 2013 habitantes, sendo 1369 homens, 248 mulheres e 396 crianças, assim distribuídos: Acampamento da NOVACAP 646 homens, 110 mulheres, 182 crianças; Acampamento da COENGE S/A 54 homens, 13 mulheres, 16 crianças; Acampamento da RABELO S/A: 309 homens, 20 mulheres, 22 crianças; Acampamento da ENAL: 25 homens, 2 mulheres, 3 crianças; Cidade "BANDEIRANTE": 208 homens, 75 mulheres, 148 crianças. Há um total de 1.430 adultos alfabetizados e 186 analfabetos, o que dá 13% de analfabetos (O LANÇAMENTO DA "OBRIGAÇÃO BRASÍLIA", 1957, p.18)

Essa interlocução textual, impressa no periódico, fala ao leitor que embora a cidade esteja em fase de edificação possui um público infantil que nela habita, que em março de 1957 correspondia ao número de 396 crianças, distribuídas entre os acampamentos da NOVACAP, COENGE, RABELO, ENAL e a cidade Bandeirante.

Os números apresentados nesta edição revelam a presença infantil já no primeiro ano da organização da cidade. Isso supõe a interação entre elas, com os adultos e o meio que viviam e conviviam, no curso dessa obra no planalto central. Indiciam, também, para além da presença da infância no dia a dia, ao longo da construção de Brasília, a preocupação, por parte do governo, de apurar os quantitativos apresentados pelo primeiro recenseamento brasiliense como estatística oficial, produzidas pelo Estado, pois são essenciais a ele "[...] como forma de conhecer seus campos de ação, pautando decisões políticas e administrativas supostamente objetivas [...]" (GIL, 2019, p.07).

Tendo como ponto de partida o cotidiano da criança, no período da construção da nova capital e os números estatísticos que se revelam no recenseamento como mecanismo para o conhecimento daquela realidade e norteador para as tomadas de decisões por parte da gestão pública da futura cidade, parece importante discutir alguns dados revelados por esse primeiro censo local.

Na contramão da ênfase dada por parte do periódico em formalizar e registrar atos administrativos e execuções já realizadas ou a acontecer no coração do país, a contabilização da constituição populacional, até aquele momento, pode ter

sido utilizada como meio de registro que a cidade já recebia alguns habitantes. Demonstra, assim, que não apenas as obras, mas o contingente populacional estavam a favorecer e legitimar cada vez mais a transferência do Rio de Janeiro para o Centro-oeste.

Os números elencados no levantamento revelam, também, que em todos os acampamentos prevaleceu o número de homens em relação ao de mulheres. Possivelmente, devido a necessidade do trabalho braçal a eles delegada, em grande parte alicerçando e erguendo a nova capital, esta tenha sido a razão do gênero masculino se apresentar em maior quantitativo naquela primeira pesquisa.

Ocupando em número um quantitativo menor que o gênero masculino e as crianças estão as mulheres. Tendo em vista a época e os hábitos socioculturais do recorte temporal proposto, depreende-se que a maioria delas estariam acompanhando seus companheiros que estavam a erguer a cidade. Essa situação, contudo, não nos permite afirmar a quantidade destas, já que trata-se de uma hipótese aqui levantada, ou se todas vieram com o mesmo propósito. Entretanto, frente aos valores da época, levam-nos a inferir que um número considerável destas mulheres representou essa realidade: a de acompanhar, construir, gerar ou criar suas famílias em solos do cerrado junto a seus companheiros.

Com relação as crianças o censo de 1957 revela que elas representavam um quantitativo superior ao número de mulheres. A interpretação que aqui ensaiamos é a de que a presença delas na cidade de Brasília, no tempo anterior a inauguração da cidade, derivava do fato de estarem sob a tutela de seus responsáveis, homens e mulheres, e assim, diferente dos adultos que puderam escolher entre participar ou não da "marcha da construção" da cidade, elas provavelmente sequer puderam opinar sob suas vontades.

Tendo presente os objetivos da criação, por lei, da Revista *Brasília*, sob a responsabilidade da Novacap, a divulgação do quantitativo de habitantes três anos antes da inauguração da nova capital pode revelar um conjunto de representações pretendidas pelo periódico, que genericamente ambicionava divulgar atos administrativo a respeito da cidade de Brasília, mas por meio desses dados, quiçá, propor aceitação máxima sobre a necessidade e benefícios da transferência da capital para o Planalto Central.

Tomando por base essa proposição geradora da revista, convém destacar que as informações obtidas no primeiro recenseamento de Brasília denotam em

algum grau, “[...] que a compreensão das informações quantitativas não decorre objetiva e exclusivamente de estatísticas exatas e corretamente produzidas, mas é, sobretudo, objeto de disputas que se pode acompanhar pelo estudo dos discursos sobre essas estatísticas.” (GIL, 2007, p. 150)

Logo, percebe-se que as informações frutos de uma pesquisa censitária, podem operar como meio para ações diversas, mas os atos advindos destas coletas, embora essenciais para o desenvolvimento de políticas públicas diversas são passíveis da “manipulação”, seja por parte do Estado ou daqueles que as utilizam para determinado fim, pois conforme Gil (2007) são elementos de disputas que podem compor discursos relativos a estas estatísticas. Dialogando com Chartier (2002), entende-se que esses discursos, que compõem elementos de disputas, podem servir a representações do mundo - instituídas de acordo com as inclinações dos grupos que as geram.

Sobre a população infantil em solos da futura capital do Brasil observa-se que até o ano de 1957, ocorria certa disparidade em relação ao quantitativo populacional de crianças residentes nos acampamentos notados pelo recenseamento, que conforme o quadro que segue estavam assim distribuídos de modo decrescente: (Tabela 1)

**Tabela 1 - Distribuição das crianças por acampamentos em Brasília em 1957**

| <b>Localidade</b>              | <b>Nº de crianças por localidade</b> |
|--------------------------------|--------------------------------------|
| Acampamento da NOVACAP         | 182 crianças                         |
| Cidade “BANDEIRANTE”           | 148 crianças                         |
| Acampamento da RABELO<br>S/A   | 22 crianças                          |
| Acampamento da COENGE<br>S/A   | 16 crianças                          |
| Acampamento da ENAL            | 03 crianças                          |
| Total de crianças <sup>3</sup> | 371                                  |

Fonte: Revista *Brasília*.

3 Sobre o número total de crianças apresentado pela Revista Brasília é descrito o valor de 396 crianças, porém ao somar o número apontado pelo periódico em cada acampamento, no quadro proposto, foi percebido um total de 371 crianças, que corresponde a 25 crianças a menos que o descrito pelo impresso. Aqui vamos considerar o número apresentado em cada acampamento e a possibilidade de ter ocorrido um equívoco durante a digitação do número total de crianças.

Os números de crianças, por acampamentos, verificados pelo primeiro recenseamento, indicam a distribuição populacional que compunha o acampamento Novacap, Cidade Bandeirante, Acampamento Rabelo S/A, Acampamento COENGE S/A e Acampamento ENAL.

De acordo com Vasconcelos (1988), os primeiros assentados na Cidade Livre data de dezembro de 1956, cidade destinada a funcionar originalmente por quatro anos, período determinado para início e fim da construção da nova capital e que acomodou cinco das principais empreiteiras designadas a edificar as primeiras paisagens urbanas da arquitetura de Brasília no coração do centro-oeste. Sobre as cinco firmas que trabalharam na área da Cidade Livre, Vasconcelos (1998) assim discorre:

Cinco firmas empreiteiras já estão trabalhando na área. A construtora Rabelo cuida das fundações do Palácio da Alvorada e supervisiona, pelo engenheiro Roberto Penna, as obras do Hospital do Instituto dos Industriários, o Hospital JKO, próximo a Novacap. A companhia Metropolitana e a Coenge fazem a terraplanagem do Aeroporto definitivo. A Empresa de Construções Gerais constrói galpões e casas para o pessoal da Novacap, que já encontra, no local, sob abrigo de barracas de lonas cedidas pelo Exército. E a Pacheco Fernandes se encarrega de fincar as fundações do Hotel de Turismo, o Brasília Palace Hotel, próximo ao futuro Palácio da Alvorada. (VASCONCELOS, 1998, p.107)

Em vista disso, imagina-se que o quantitativo populacional e o número de crianças deva-se, sobretudo, a quantidade de trabalhadores ligados a cada uma das empreiteiras contratadas pela Novacap, para dar vida aquela fundação no coração do Brasil.

O acampamento Novacap, por ter a Novacap como responsável pelo gerenciamento de toda a construção de Brasília é composto pelo maior número de crianças, 182, haja vista sua relevância administrativa e de condução da grande obra. De tal modo, imagina-se que esta tenha oportunizado superior organização para que seus funcionários se estabelecessem com seus familiares, dado ao fato de talvez terem melhor aparelhamento por parte da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) para se instalarem na localidade.

Sobre a Cidade Livre, referida em matéria da Revista *Brasília* como “Núcleo Bandeirante”, encontra-se a seguinte observação:

“Núcleo Bandeirante”

Um fato, entretanto, merece ser destacado. É a leva humana que, guiada pela fé, chega diariamente àquelas paragens e se instala na chamada “cidade provisória” ou “Núcleo Bandeirante”. Verdadeiro pioneirismo. Autêntico movimento bandeirante. (A MUDANÇA É UMA REALIDADE, 1957, p.15)

Por se tratar de uma cidade previamente designada ao funcionamento provisório, durante a construção da capital, infere-se que muitos trabalhadores trouxeram suas esposas e crianças para aqui se erradicarem no curso desse empreendimento, o que elevou número de moradores da localidade e fazendo com que se destacasse, também, no número de crianças verificado pelo recenseamento da época.

Quanto aos demais acampamentos, ligados as construtoras/empresas que empregaram mão de obra para o empreendimento Brasília, é verificado um número menor de crianças nos acampamentos ligados as empresas Rabelo<sup>4</sup>, Coenge<sup>5</sup> e Enal<sup>6</sup>, que pode dever-se ao fato, de ao contrário dos trabalhadores residentes nos Acampamento Novacap e Cidade Bandeirante, de repente melhor estruturados quanto ao tempo de estadia dos seus trabalhadores, porventura, os três últimos elencados, experimentaram incertezas por parte dos agenciadores de sua mão de obra, naquilo que se refere a estabilidade ao se mudarem para uma nova cidade acompanhados por seus entes.

Ao analisar as informações contidas no recenseamento de 1957, da futura capital Brasília, há indicativos que inicialmente a cidade preparou-se para receber mão de obra destinada a impulsionar o processo de construção da nova capital, mas que dado ao tempo pré-estabelecido para início das obras e a data prevista para a inauguração da cidade, algumas crianças vieram com seus tutores e se estabelecerem ao longo desse processo, ao passo que outras possivelmente nasceram na localidade, enquanto a cidade era erguida.

## Cenas do cotidiano da infância

Até aqui, foi examinada, ao longo das edições, a forma sutil como a infância foi representada nas páginas da Revista *Brasília*. Verificamos como frequente-

---

4 Construtora que cuidou das fundações do Palácio do Planalto.

5 Empresa responsável pela terraplanagem do aeroporto.

6 De acordo com matéria disponível no jornal correio Braziliense, de 12/02/2011, a Enal Engenharia foi uma empresa criada por três empresários para prestar serviços nas obras da construção da nova capital, sendo que um dos três sócios, de nome Ildeu Oliveira, era primo de Juscelino Kubitschek – “O avô do empresário mineiro era irmão do pai de Juscelino Kubitschek.”, de acordo com o jornal brasiliense (CORREIO BRAZILIENSE, 2011).

mente a infância foi abordada no fluxo da história: com suas próprias histórias orientadas e contadas pelos adultos que as governam, como pontuou Becchi (1994).

Embora a presença infantil tenha sido modestamente apresentada na Revista *Brasília*, não significa que os indícios presentes no impresso invalidem ou empobrecam a construção histórica da infância no tempo da construção de Brasília, pois conforme adverte Julia (2001) o historiador aprende a fazer flecha com qualquer madeira disponível. Dentro dessa premissa recorreremos a análise da infância em ocasiões diversas a exemplo da próxima imagem (Figura 2).

**Figura 2 – Primeira missa celebrada na futura capital do Brasil.**



Fonte: Revista Brasília - N.05, maio 1957, p. 10.

A imagem de número 2, assim como algumas outras que comparecem em edições da Revista Brasília, apresenta as crianças em eventos e solenidades diversas. A imagem exhibe duas crianças fotografadas, ao que parece de forma espontânea e com trajés aparentemente pomposos em ocasião da celebração da primeira missa em solo brasiliense. Sobre o evento é destacada a ocasião da

Santa Missa, em especial as que autoridades lá estiveram. No entanto, a presença infantil junto a homens e mulheres “comuns” é modestamente mencionada tanto em imagem, quanto de modo textual.

Sobre essa celebração religiosa destaca-se que a solenidade ganhou todas as páginas da Edição especial de maio de 1957, contudo entre as laudas e em meio as imagens e textos a ênfase era facilmente desviada para a construção da capital e a exaltação daqueles que estavam a frente do grande empreendimento. Entrementes, a Revista *Brasília* estrategicamente dava a entender que a ocasião incluía quase que em unanimidade o povo brasileiro, dentre estes homens e mulheres “comuns” e as crianças.

[...]Afora *algumas centenas de convidados* especiais, que se transportaram em aviões comerciais e particulares, do Rio, de São Paulo e outros centros, as estradas que dão acesso a Brasília foram completamente tomadas por densa romaria, *por uma multidão de homens, mulheres e crianças* do interior, ansiosos por ver de perto, com os próprios olhos, o nascimento de uma nova era da civilização nacional - uma legítima redescoberta do Brasil.[...] (A PRIMEIRA MISSA EM BRASÍLIA, 1957, p.03, *grifos nossos*)

Ao contrastarmos o texto e a imagem 2, vemos que o fotógrafo, ao capturar à distância um instante da missa, acabou por destacar, no canto do espaço fotográfico, a figura de duas meninas, com vestidos iguais (talvez um uniforme escolar?) caminhando em direção ao ponto central da imagem, para reunirem-se com os demais adultos que estavam assistindo à celebração religiosa. Se a mensagem de uma imagem fotográfica nunca se esgota, mas está sempre aberta à parte do espectador e seu olhar (AUMONT, 1993), nossos olhos, interessados na infância, não deixam de registrar que sua presença ajuda a compor a cena, evidenciando ter sido o momento da primeira missa um evento, como relata o texto da notícia, que congregou diferentes gerações, adultos e crianças, todos envolvidos, em maior ou menor grau, seja trabalhando, com a construção de Brasília. E a criança, como os demais, estava lá, testemunhando tudo o que acontecia.

Dentro desse contexto de eventos e solenidades que manifestam a figura da infância vamos a uma outra notícia presente na edição de dezembro de 1957. O evento que segue refere-se a uma ação social destinada às crianças pobres.

No dia 15, promovida pelo Núcleo das Pioneiras Sociais e sob os auspícios e direção de D. Coracy Pinheiro, foi efetuada uma distribuição de presentes de Natal às crianças pobres. Em frente à sede do Núcleo via-se uma artística árvore de Natal, toda enfeitada e iluminada com pequenas lâmpadas multicores. A distribuição, que começara às 7 horas nos guichês da sede da Caixa Econômica Federal, no andar térreo dos escritórios

da Companhia, prolongou-se até às 12 horas. A fila das crianças contempladas estendia-se ao longo do edifício por cerca de 200 metros. D. Coracy dirigiu pessoalmente a distribuição, auxiliada pelas outras diretoras do núcleo. Foram contempladas nada menos de 1.680 crianças com idade até 12 anos. E foi esta a 1ª festa natalina das crianças pobres de Brasília (DISTRIBUIÇÃO DE PRESENTES, 1957, p.21)

Ao nos depararmos com a notícia acerca da distribuição de presentes a crianças pobres, na sede da Caixa Econômica Federal e organizada pelo Núcleo das Pioneiras Sociais, ocorreu-nos, inicialmente, duas considerações sobre a notícia. A primeira delas deu-se por se tratar de um evento direcionado para as crianças, uma vez que o impresso geralmente as reportava como figurantes em festejos direcionados ao público adulto. A segunda consideração deriva do fato da festividade ser direcionada as crianças pobres, o que evidência a presença de uma infância heterogênea, perpassada, dentre outras, pelas fraturas sociais.

Coracy Pinheiro era esposa do presidente da NOVACAP, empresa estatal responsável pela construção de Brasília. Já o Núcleo das Pioneiras Sociais remete-nos a uma entidade assistencialista idealizada por Sarah Kubitschek, que desenvolveu um amplo trabalho de assistência social em Brasília, ainda antes da inauguração da cidade<sup>7</sup>. Ambas promoveram o primeiro evento natalino dirigido as crianças pobres, conforme pontuou a Revista *Brasília*. Sobre o evento e o tipo de público por ele visado, pode-se concordar com Veiga e Gouvêa quando observam que, enquanto evento para a criança pobre, “[...] o Natal, era o dia da mais alta significação para o assistencialismo, era também o dia clímax de se celebrar a filantropia e as ações de caridade” (VEIGA e GOUVÊA, 2000, p.145).

Nesse sentido, embora o impresso, na maioria das vezes, se restringisse a representação de Brasília como cidade, onde, talvez, as disparidades não existissem ou quem sabe não ocorressem de modo acentuado, a notícia ao enfatizar um evento direcionado as crianças pobres, evidencia que originariamente a cidade cultivava ao menos duas infâncias: a infância pobre e aquela não pobre, embora a ideia de homogeneidade da infância prevalecesse nas fotografias e textos onde a criança comparece na Revista *Brasília*.

---

7 No ano de 1951, Sarah Kubitschek iniciou mobilização, junto a mulheres da alta sociedade mineira com intuito de arrecadar doações a pessoas necessitadas, na ocasião estava como primeira-dama do estado de Minas Gerais. A obra social ganhou impulso quando seu esposo Juscelino Kubitschek foi eleito presidente da República e em 22 de março de 1956 a Fundação das Pioneiras Sociais foi formalmente criada e passou a atuar dez estados brasileiros (FUNDAÇÃO DAS PIONEIRAS SOCIAIS, 2023, online).

Para encerrar, passeando um pouco mais no universo das festividades apresentadas pela revista, onde a criança marcava presença em eventos sociais, a fotografia que segue é referente a ocasião do casamento de uma das filhas do presidente da Novacap, Israel Pinheiro, que ao contrário da notícia sobre o evento destinado a crianças, é veiculada com certo destaque (Figura 3).

**Figura 3 – “Srta. Maria Regina Uchoa Pinheiro ao entrar na capela, acompanhada de seu pai, Dr. Israel Pinheiro, presidente da Novacap”.**



Fonte: Revista Brasília - N. 18, junho 1958, p.18.

Na figura 3 aparece uma criança bem-vestida para a ocasião, aparentemente com pele de tom claro e cabelos lisos. Embora não seja possível averiguar sua identidade, classe social ou quem sabe grau de parentesco ou ligação com os noivos, fica delineado, como observado por Brites (2000) na análise de impressos semelhantes de décadas anteriores, um ideal de infância com atributos de alegria, beleza e robusteza.

Que havia crianças pobres na capital em construção, sem condições materiais para festejarem o Natal por si próprias e por conta de suas famílias, já sabemos. O que a fotografia acima revela é que havia também na cidade em cons-

trução outras crianças, bem arrumadas e bem-trajadas, que tomavam parte nos festejos da elite brasiliense então em formação e ajudavam a compor a propaganda de uma cidade onde não faltava nada, inclusive, festas de casamento celebradas com pompa e circunstância. Pompa e circunstância nas quais as infâncias mais privilegiadas eram personagens. Havia, assim, não uma única infância na capital, mas várias, flagradas, porém, com diferentes matizes nas páginas da Revista *Brasília*.

## Considerações finais

Tomando por fonte a Revista *Brasília*, este artigo teve por objetivo responder a três questões, formuladas no diálogo com a ainda incipiente historiografia da infância no Distrito Federal, relativa aos anos da construção de Brasília, isto é, de 1957 a 1960: será que realmente não havia uma quantidade significativa de crianças naquele gigantesco canteiro de obras a céu aberto? Se havia, elas compareceram, de algum modo, nos textos e imagens dados a ler no Brasil e no exterior no periódico da NOVACAP? Que infância ou infâncias foram representadas na Revista *Brasília*?

Quanto à primeira questão, podemos afirmar que sim, havia uma quantidade considerável de crianças vivendo no grande canteiro de obras que era a Brasília em fase de construção. Segundo dados quantitativos que pudemos apurar nas páginas da Revista *Brasília*, em 1957 eram em torno de 371 os meninos e meninas que, acompanhando seus pais, podiam ser encontrados espalhados pelos diversos acampamentos por onde estavam distribuídos os operários envolvidos com o erguimento da nova capital.

Sobre a segunda questão, foi possível perceber que, ainda que de forma tímida, essas crianças compareceram nas páginas da Revista *Brasília*. Ora foram retratadas como os primeiros gêmeos nascidos na cidade, ora foram explanadas em termos numéricos e censitários, como que a confirmar a dimensão humana da cidade que estava sendo implantada no coração do Brasil. Também pudemos flagrar as crianças em festividades e celebrações que iam marcando a “marcha da construção” ou, então, em eventos pensados para elas, como o caso do Natal para as crianças pobres.

Por fim, podemos afirmar que havia uma tentativa por parte da Revista *Brasília* em representar uma infância homogênea e feliz, sem diferenças sociais,

que assistia placidamente à construção da nova capital. Porém, um olhar atento, permite falarmos que havia, ali, não uma, mas várias infâncias: bebês, como os primeiros gêmeos nascidos no quadrilátero; meninas, como as representadas em algumas fotografias; crianças pobres para as quais os serviços de assistência promoveram a festa do Natal e crianças de classes sociais mais favorecidas, como supomos ser a menina que participou do casamento da filha de Israel Piniheiro. Em palavras simples: não encontramos uma única infância, mas várias, convivendo entre si no processo de edificação da sede dos Três Poderes.

Os dados obtidos neste artigo, mais do que um ponto de chegada, podem ser tomados como um ponto de partida para que, no encalço de outras fontes, se desenvolvam, futuramente, investigações sobre a história das primeiras crianças que viveram no atual Distrito Federal. Trata-se de um convite a prestar atenção às histórias que sobre as crianças do passado podem ainda ser escritas. Esta pesquisa, assim, espera ser um chamado a outras mais.

## Referências

A MUDANÇA É UMA REALIDADE. **Brasília**. Rio de Janeiro, n. 6, jun. 1957, p. 15.

A PRIMEIRA MISSA EM BRASÍLIA. **Brasília**. Rio de Janeiro, n. 5, mai. 1957, p. 3.

ANDRADE, Rômulo de Paula. Sertão e modernidade nas fotografias da Revista Brasília. **Outros Tempos**. São Luís, v. 17, n. 30, p. 268-288, 2020.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Desfiles cívico-escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 37, n. 3, p. 269-276, set.-dez. 2015.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

BECCHI, Egle. Retórica da infância. **Perspectiva**. Florianópolis, n. 22, p. 63-95, 1994.

BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, Lília (org.). **História da vida privada no Brasil 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 411-437.

BRITES, Olga. Crianças de revistas (1930-1950). **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 161-176, 2000.

CAPELLO, Maria Beatriz Camargo. A revista Brasília na construção da nova capital: Brasília (1957-1962). **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, p. 43-57, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília, 12 fev. 2011.

COSTA, Cléria Botelho da. Nos jardins da memória: Brasília nos anos 1960 e 1970. In: COSTA, Cléria Botelho da; BARROSO, Eloísa Pereira (orgs.). **Brasília**: diferentes olhares sobre a cidade. Brasília: Editora da UnB, 2015, p. 29-57.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DISTRIBUIÇÃO DE PRESENTES. **Brasília**. Rio de Janeiro, n. 12, dez. 1957, p. 21.

EDITORIAL. **Brasília**. Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1957, p. 1.

FUNDAÇÃO DAS PIONEIRAS SOCIAIS. Disponível em: <http://www.historiadocancer.coc.fiocruz.br/index.php/pt-br/imagens/pioneiras-sociais>. Acesso em 17 ago. 2023.

GIL, Natália de Lacerda. Estatísticas e Educação: considerações sobre a necessidade de um olhar atento. **Pensar a Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 1-29, jun-ago. 2019.

GIL, Natália de Lacerda. Interpretação das estatísticas de educação: um espaço de disputas simbólicas. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 7, n. 1, p. 121-151, jan.-abr. 2007.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: GOUVÊA, Maria Cristina Soares de; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 97-117.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

KUBITSCHECK, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000.

LOPES, Amanda Alves Sicca. **Terra, espírito e homem**: a nova capital e as imagens da branquitude na Revista Brasília (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

MEDEIROS, Beatriz Feijó de. **A revista Brasília e a mitificação da nova capital**. Como a revista ajudou na construção da imagem da "Capital da Esperança" (Monografia). Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2012.

NOTAS. **Brasília**. Rio de Janeiro, n. 2, fev. 1957, p. 2.

O LANÇAMENTO DA OBRIGAÇÃO BRASÍLIA. **Brasília**. Rio de Janeiro, n. 6, jun. 1957, p. 18.

VASCONCELOS, Adirson. **As cidades satélites de Brasília**. Brasília: Edição do Autor, 1988.

VEIGA, Cynthia Greive; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 135-160, jun. 2000.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Imprensa, educação e esfera pública: um estudo a partir dos jornais paranaenses entre o final do século XIX e primeiro quartel do século XX. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; BONTEMPI JR., Bruno; OSINSKI, Dulce (orgs.). **História intelectual e educação**: imprensa e esfera pública. Jundiaí: Paco Editorial, 2019, p. 47-67.